

Experienciando a educação inclusiva a partir do projeto de extensão FORBIO-UNILAB

Bárbara Nogueira de Souza Figuerêdo ¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2219-789X>

barbaransff@gmail.com

Viviane Pinho de Oliveira ²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7131-3889>

vivianepo@unilab.edu.br

^{1,2} Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, CE, Brasil.

RESUMO:

A educação vem sofrendo transformações nos últimos anos e a inclusão de pessoas autistas na sociedade é uma dessas mudanças. Para a educação inclusiva acontecer é necessário conscientizar e sensibilizar toda a comunidade escolar. Assim, o presente trabalho visa abordar as experiências vivenciadas no Projeto de Extensão ForBio a partir da prática da Educação Inclusiva. O trabalho utilizou uma metodologia de abordagem qualitativa, desenvolvendo as seguintes ações: 1. Acompanhamento em sala de aula de aluna autista e produção de atividade adaptada de Ciências em uma escola pública de Redenção, CE; 2. Ação de conscientização sobre autismo para o público infantil da Casa Encantada (CIADI/UNILAB) e 3. Roda de conversa sobre a conscientização do autismo em uma escola de Ensino Fundamental em Guaiuba, CE. A partir dos registros dessas vivências refletimos sobre sua importância para a trajetória do professor em formação. Os relatos de tais atividades também trazem reflexões da importância de ações de conscientização e sensibilização sobre o autismo e a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade como um todo, pois a inclusão não deve ocorrer apenas na sala de aula e sim em todos os espaços. Assim, as ações desenvolvidas no âmbito do projeto FORBIO, voltadas para inclusão da pessoa autista, foram importantes vivências de práticas inclusivas, contribuindo com a conscientização e sensibilização de toda comunidade escolar, incluindo alunos, familiares, professores e gestores.

Palavras-chave: Autismo. Sensibilização. Educação Inclusiva.

EXPERIENCING INCLUSIVE EDUCATION THROUGH THE FORBIO-UNILAB EXTENSION PROJECT

ABSTRACT:

Education has undergone transformations in recent years, and the inclusion of autistic people in society is one of these changes. For inclusive education to happen, it is necessary to raise awareness and sensitize the entire school community. Thus, this work aims to address the experiences lived in the ForBio Extension Project based on the practice of Inclusive Education. The work employed a qualitative approach methodology, developing the following actions: 1. Classroom support for an autistic student and the production of an adapted Science activity in a public school in Redenção, CE; 2. An awareness campaign about autism for the children at Casa Encantada (CIADI/UNILAB);

and 3. A conversation circle on autism awareness in a primary school in Guaiuba, CE. From the records of these experiences, we reflect on their importance for the teacher's training journey. The accounts of such activities also bring reflections on the importance of actions to raise awareness and sensitivity about autism and the inclusion of people with disabilities in society as a whole, as inclusion should not occur only in the classroom but in all spaces. Thus, the actions developed under the FORBIO project, aimed at including autistic individuals, were important experiences of inclusive practices, contributing to the awareness and sensitivity of the entire school community, including students, families, teachers, and administrators.

Keywords: Autism. Awareness. Inclusive Education.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho¹ é fruto de seis anos de graduação no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Cada experiência foi importante para minha formação como profissional docente. Esse relato traz elementos que compõem a minha trajetória acadêmica e como isso contribuiu para a minha formação, como professora de biologia. Durante a licenciatura, estive em contato com cinco pilares formativos importantes que são as componentes curriculares de: Estágio Supervisionado, Práticas Educativas, Didática e Instrumentalização para o Ensino de Ciências e Biologia, todas se alinhando à docência e com a mesma importância, a participação no Projeto de Extensão FORBIO - Formação de Professores para o Ensino de Biologia.

Nesse sentido, o Estágio Supervisionado, impactou diretamente na perspectiva que tinha quanto à dinâmica da sala de aula. Compreendi que o magistério vai além de repassar conteúdo para os alunos, mas é uma profissão complexa e profunda. Para Júnior *et al.* (2023) o papel do professor se estende desde a um formador de cidadãos críticos e reflexivos a indivíduos com habilidades e competências para atuar na sociedade atual.

Segundo Freire (1996), é importante refletir de forma crítica sobre a docência. Entender que ensinar exige senso crítico, que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Faço essa reflexão ao lembrar de experiências vivenciadas na disciplina de Práticas educativas, em que através dela entendemos como podemos atuar no ambiente escolar.

Assim, entendendo que o ensino vai além de “dar aula”, é necessário planejamento e organização, compreendendo assim que esse processo é um conjunto de fatores que corroboram com a didática. Para Libâneo (2017, p.56):

Podemos, assim, delimitar como objeto da Didática o processo de ensino que, considerado no seu conjunto, inclui: os conteúdos dos programas e dos livros didáticos, os métodos e formas organizativas do ensino, as atividades do professor e dos alunos e as diretrizes que regulam e orientam esse processo.

¹ Utilizarei a escrita na primeira pessoa do singular, tendo em vista que emergiu das experiências que fazem parte de minha história de vida

Dessa forma, foi na disciplina de Didática que entendi que o processo de ensino, no qual o professor trabalha no seu cotidiano, está entrelaçado com a prática docente e a prática social, tendo em vista que a educação escolar remete ao meio social.

Nesse processo são utilizados instrumentos que facilitam o ensino, desde os planos de aula, os materiais didáticos e os modelos didáticos. As disciplinas de Instrumentalização para o Ensino de Ciências e Biologia foram essenciais para entender como atuar como professor de Ciências e Biologia. Foram nesses momentos do Curso que compreendi e desenvolvi ferramentas que auxiliam na prática pedagógica.

Para além das disciplinas da graduação, compreendo também que a participação como bolsista no Projeto de Extensão FORBIO (Formação de Professores de Ciências e Biologia), que atua na formação de professores de Ciências e Biologia, na perspectiva do autismo, contribuiu para a minha trajetória acadêmica. Diante das experiências vivenciadas, percebo que ao decorrer desse percurso minha identidade docente foi sendo moldada de uma estudante para uma professora mais sensível. Ou seja, minha percepção em relação à educação inclusiva se construiu através desses passos.

Nóvoa (2022) constitui uma referência para discutir essa construção da identidade do professor, de forma particular quando menciona que: “A passagem de uma identidade individual a uma constituição coletiva é essencial para a emergência de um conhecimento profissional docente” (Nóvoa, 2022, p.10). O autor tem uma visão coletiva da formação do professor. Por isso, o termo coletividade se refere a respeitar e considerar as demandas educacionais de todos os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Quando o professor descentraliza a sua visão individual e passa a promover a aprendizagem colaborativa, a troca de diferentes saberes, buscando atender às especificidades dos processos de ensino, esse movimento interdisciplinar gera inclusão, naturalmente.

A visão coletiva para a formação docente de Nóvoa se apresenta convergente com a abordagem da educação inclusiva de Mantoan, quando a autora menciona que:

A escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão! (Mantoan, 2003, p.48).

Saber reconhecer e valorizar a diversidade humana, com seus limites e potenciais de superação é essencial na formação de professores de hoje, voltada para uma visão coletiva, que inclui a todos, o que certamente promoverá o futuro que desejamos e que trabalhamos para que aconteça de forma concreta na sociedade.

Ao trazer essas experiências reflito que foram elas que permitiram que eu chegasse até aqui contribuindo para minha trajetória acadêmica, permitindo uma visão mais apurada sobre a educação inclusiva e entendi que para incluir é essencial conhecer e acolher o aluno autista. Foi nesse momento que compreendi o papel do professor de Ciências e Biologia na inclusão de educandos com Transtorno de Espectro Autista (TEA).

Portanto, através dessas reflexões, questiono-me: Qual a importância de ações de conscientização e sensibilização sobre autismo na comunidade escolar? A partir dessas vivências enquanto estudante de graduação, como essas experiências e vivências formativas influenciaram minha trajetória acadêmica, na formação inicial e na construção da minha identidade docente? Para responder a estas perguntas, foram desenvolvidas diversas atividades com a perspectiva da inclusão da pessoa autista, a partir do projeto de extensão FORBIO, analisando-as quanto aos seus impactos nos momentos formativos, por meio das percepções subjetivas dos sujeitos envolvidos. Dessa forma, este trabalho objetiva relatar as experiências vivenciadas no Projeto de Extensão ForBio a partir da prática da Educação Inclusiva.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Educação Inclusiva defende a educação para todos, seguindo os princípios políticos, culturais, sociais e pedagógicos, corroborando para um ensino inclusivo e promovendo um ambiente escolar integrativo (Souza et al, 2025). Dessa forma, a educação deve ser plural e atingir a todos, sem preconceitos e estereótipos.

Segundo, a constituição de 1988, é direito do cidadão a educação e a dignidade humana. Logo, a educação inclusiva pode ser interpretada como um meio de inclusão para esses indivíduos que necessitam viver em sociedade de forma digna (BRASIL, 1988). É dever do estado garantir que cada cidadão, seja incluído na sociedade sem a distinção de cor, idade, sexo ou qualquer outra forma de discriminação.

Quando se trata de educação inclusiva, é importante destacar como pessoas com deficiências foram negligenciadas pelas autoridades durante séculos. Essa problemática vem se modificando desde o século XX, com o surgimento da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994). Esse foi um importante marco para a luta de indivíduos com deficiência.

Além disso, a Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), assegura uma educação de qualidade para indivíduos com deficiência e transtornos globais (BRASIL, 1996). Entretanto, a realidade da sala de aula é diferente daquilo que temos regulamentado em lei, pois pessoas com deficiência ou transtornos globais são alvos de preconceito e discriminação tanto em sala de aula, quanto pela sociedade, além de diversas barreiras que dificultam sua plena participação

na sociedade, quer sejam arquitetônicas/físicas, atitudinais, educacionais, comunicacionais ou de políticas públicas insuficientes. Por isso, é necessário o investimento em infraestrutura, adaptações curriculares e formação continuada para que o professor tenha condições de trabalho de qualidade para atender as necessidades especiais de seus alunos em sala de aula (Lopes, 2025)

Nesse sentido, a educação inclusiva é um processo que expande a participação de todos alunos no ambiente escolar quebrando paradigmas e construindo ensino inclusivo respeitando a diversidade de alunos (Araujo et al, 2025). Por isso, o ambiente que não respeita essas mudanças que vem ocorrendo nos últimos anos na educação não transmite acolhimento e sim opressão e medo, refletindo na forma que o professor atua na sala de aula.

Dessa forma, é dever do professor garantir a inclusão em todo processo pedagógico de seus alunos no ambiente escolar. Além disso, é importante destacar os desafios do educador para concretizar essa demanda. Um dos principais desafios é a formação inicial deficiente, em que se aborda de maneira rasa metodologias de ensino inclusiva (Silva et al, 2025). Por isso, é necessário que os sistema educacional e professores estejam alinhados para promover um ensino respeitoso e integrativo.

2

O ENSINO DE CIÊNCIA NO CONTEXTO DO AUTISMO

O Transtorno de Espectro Autista (TEA), é caracterizado pelo comprometimento na interação social e comunicação e podendo apresentar comportamento repetitivo e estereotípias (APA, 2014). Essas características podem refletir na sua aprendizagem, principalmente pela dificuldade de entender conceitos abstratos.

Devido ao autismo ser um espectro, há diferentes formas do TEA se manifestar em um indivíduo. Logo, não há uma abordagem totalmente correta para todas as pessoas com autismo (Rodrigues; Barros, 2024). Esse fato abre margem para uma diversificação na forma que o autista aprende. Por isso nenhuma abordagem deve ser considerada como uma forma definitiva de abordar o Ensino de Ciências, mas como uma alternativa que auxilia determinados indivíduos em sua aprendizagem.

É fundamental ressaltar que a abordagem ideal é aquela que realmente atende às necessidades do aluno para o qual a atividade foi planejada. Ou seja, aquilo que é efetivo para um

² A Declaração de Salamanca foi adotada em 1994, é um documento fundamental que define a educação inclusiva, garantindo o direito à educação para todos, independentemente de quaisquer diferenças ou dificuldades. Ela estabelece princípios, políticas e práticas que visam promover a inclusão de estudantes com necessidades educativas especiais no sistema escolar regular.

estudante, não será efetivo para outro. Portanto é essencial conhecer o contexto em que aquele aluno está inserido para desenvolver ações específicas para esse educando.

Para Ausubel (1982) é importante conhecer o contexto da sala de aula, pois a aquisição de novos conhecimentos necessita de contextualização com o cotidiano do educando. Ou seja, a Teoria da Aprendizagem significativa de Ausubel, ressalta a importância das vivências e experiências para o processo formativo do estudante. Complementando a ideia da aprendizagem significativa de Ausubel; Freire (1987), destaca como a educação pode ser transformadora, quando se entende o contexto que o aluno está inserido, seja ele cultural ou social.

O Ensino de Ciências necessita de uma abordagem contextualizada, principalmente quando se trata da aprendizagem de estudantes autistas (Souza et al, 2022). As ciências naturais possuem muitos termos abstratos e complexos, como células, genes, microorganismos, átomos e moléculas, tornando a compreensão de tais conceitos um grande desafio para o indivíduo autista.

Dessa forma, ao abordar esses conceitos na Ciência, que apresentam como características a abstração, é essencial relacioná-los com o cotidiano e adotar as estratégias certas para contemplar os alunos com necessidades específicas de aprendizagem, como os alunos TEA.

Essas estratégias são a utilização de recursos visuais, jogos educativos, atividades sensoriais e concretas, em que o estudante possa manipular os materiais e modelos didáticos (Gomes; Oliveira, 2021). Portanto, entender o contexto em que o estudante vive, suas limitações e preferências fazem total diferença na aprendizagem do aluno autista.

METODOLOGIA

Para realizar a pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2007, p. 24), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Dessa forma, destaca-se como uma forma de entender e interpretar a realidade, através da sociedade.

Além disso, a pesquisa se caracteriza como descritiva e exploratória. A pesquisa descritiva objetiva, descreve determinada realidade e a exploratória tem como finalidade expandir o conhecimento sobre a problemática a ser estudada (Sampaio, 2022).

Para alcançar o objetivo da pesquisa, desenvolveu-se as seguintes ações, realizadas no âmbito do projeto de extensão FORBIO: 1. Acompanhamento em sala de aula de aluna autista e a produção de atividade adaptada de Ciências, em uma escola de Redenção, CE; 2. Ação de conscientização sobre autismo para o público infantil da Casa Encantada (Projeto CIADI, UNILAB) e 3. Roda de conversa sobre a conscientização do autismo em uma escola de Ensino Fundamental em Guaiuba, CE.

A seguir, serão apresentados os percursos metodológicos de cada uma dessas ações supracitadas.

Ação 1. Acompanhamento em sala de aula de aluna autista e produção de atividade adaptada de Ciências em uma escola de Redenção, CE

A pesquisa foi realizada em parceria com a Escola de Ensino Fundamental Maria do Carmo Bezerra, Redenção, CE, com anuência prévia da Secretaria de Educação de Redenção. Essa ação desenvolveu-se no período de agosto a novembro de 2023. A primeira ação foi o acompanhamento de uma aluna com TEA, em uma sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental, anos finais, durante 12 semanas, durante as aulas de Ciências. Neste estágio da pesquisa, realizou-se observações e registros em diário de campo da pesquisadora, utilizando como base um roteiro de observação, elaborado pelas autoras, conforme o Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma, baseado no Roteiro de Observações na Escola para alunos com TEA, elaborado pela equipe FORBIO.



Fonte: Autora (2025)

Seguindo este roteiro de observação, para a dimensão do público alvo, deveria ser considerado questões como: Qual Nível de suporte? Qual idade? Série? Existe outro transtorno associado? Quanto ao comportamento, buscou-se investigar se o aluno(a): Se socializa? É verbal (fala)? Interação com colegas? Tem interação com o professor? Lê e escreve? Tem rigidez comportamental? Tem humor muito variável? Precisa sair da sala de aula para se regular? Tem estereotípias (exemplo: pular, sacudir mãos (flapping), se balançar, bater pés no chão, girar objetos, fazer caretas, roer unhas etc)? Tem uma sensibilidade intensa (exemplo: luz, barulho, cheiros, toques)? No aspecto do Ambiente de sala de aula, considerou-se observar: Qual local onde senta na sala? Participa da aula? Se é verbal, faz perguntas? Emite opinião? Consegue trabalhar em equipe? Tem iniciativa ou é mais passivo? Sobre as Habilidades, buscou-se saber: Gosta de desenhos? Gosta

de tecnologias? De trabalhos manuais? Cálculos? Gosta de escrever e ler? Gosta de falar? Quanto às adaptações pedagógicas, observou-se se: O professor usa metodologias diferenciadas para o(a) aluno(a)? As atividades são adaptadas? As avaliações são adaptadas? Tem um cuidador na sala? Para a dimensão das terapias, considerou-se saber: Faz terapias? Com quais profissionais? Com que frequência? Quanto aos aspectos da família: É filho único? Tem outros irmãos que sejam autistas? E quanto a outras observações, registrou-se: Qual cor preferida? Qual esporte preferido? Qual personagem preferido(a)? Qual diversão/lazer preferido? Qual filme? Qual jogo preferido? Qual(is) interesse(s) (hiperfocos)?

Essas observações objetivaram conhecer melhor a aluna e buscar estratégias de ensino que pudessem ser aplicáveis, aliando este conhecimento ao aprendizado da aluna.

Após o estágio de observação, produzimos atividades para a aluna autista, voltadas para duas temáticas: 1. Ondas e sua natureza e 2. Genética. A escolha dos temas seguiu o cronograma de conteúdo previsto para as aulas de Ciências e os recursos da atividade foram escolhidos com base nos registros de estágio de observação e de acordo com as preferências da estudante.

Durante a aplicação das atividades elaboradas, a pesquisadora registrou em diário de campo anotações referentes à participação e compreensão da atividade por parte da aluna. Portanto, esse instrumento de coleta foi essencial para a elaboração das atividades adaptadas. Entender suas experiências e vivências é uma forma de conhecê-lo para criar laços com os estudantes e tornar o ambiente escolar um espaço de conforto para o aluno, despertando também sua curiosidade em relação à ciência.

Ação 2. Ação de conscientização sobre autismo para o público infantil da Casa Encantada (Projeto CIADI, UNILAB).

O projeto de Extensão (FORBIO) possui uma parceria com o projeto Casa Encantada, o qual está vinculado ao Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil (CIADI/Unilab), localizado na cidade de Redenção, Região do Maciço de Baturité. As crianças que frequentam a Casa Encantada possuem idades em torno de 4 a 10 anos, de forma que o atendimento é multisseriado, promovendo uma educação plural. A ação foi desenvolvida entre 01 agosto a 29 de agosto de 2024. A ação foi dividida em 2 etapas: 1. Fase do planejamento das atividades e 2. Aplicação das atividades na Casa Encantada.

Na etapa do planejamento, o contexto presente na Casa Encanta foi considerado para desenvolver as atividades para as crianças. Para desenvolver as ações, utilizou-se um Plano de Vivências (Figura 2), similar a um plano de aula, para organizar o conteúdo a ser trabalhado a partir

das experiências das crianças, com o objetivo de contribuir para o sucesso da aprendizagem nas atividades realizadas.

Figura 2 -Fluxograma baseado no Plano de Vivências, elaborado pela equipe FORBIO.



Fonte: Autora (2025)

Assim, no planejamento das atividades da Ação 2, delineou-se 3 etapas: 1. Elaboração da história “Ana e Sr.Pato, Conhecendo o autismo”; 2. Aplicação da história através de um Teatro de Dedoche na Casa Encantada e 3. Dinâmica de sensibilização do autismo, em que expomos um voluntário a diferentes estímulos sensoriais (tanto agradáveis como desagradáveis), comparando os sentimentos percebidos em ambas as situações. Esses estímulos desagradáveis foram música alta, perguntas e comandos rápidos. Já os estímulos agradáveis foram: música calma, perguntas e comandos executados mais calmamente. A dinâmica foi uma criação da equipe FORBIO e a história “Ana e Sr Pato, conhecendo o autismo” foi uma produção da autora.

Ação 3. Roda de conversa sobre a conscientização do autismo em uma escola de Ensino Fundamental em Guaiuba, CE

A ação foi realizada em parceria com a Escola de Ensino Fundamental Manuel Baltazar de Freitas, Guaiuba CE. O trabalho desenvolveu-se no dia 23 do mês de agosto de 2024. Para esse momento, planejou-se, junto com a direção da escola, uma roda de conversa de conscientização, intitulada “*Autismo: conhecer para incluir*”.

A ação foi dividida em dois momentos, o primeiro destinado a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental anos finais e o segundo momento destinado às mães de crianças da escola, a convite da direção.

Para esta ação utilizou-se como instrumento de coleta, as anotações em diário de campo da pesquisadora, a partir de um Roteiro de Observação (Figura 3).

Figura 3- Fluxograma baseado no Roteiro de observação para a roda de conversa sobre conscientização do autismo



Fonte: Autora (2025)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresentaremos o desenvolvimento e a discussão de cada uma das atividades apresentadas na metodologia.

Ação 1. Acompanhamento em sala de aula de aluna autista e produção de atividade adaptada de Ciências em uma escola de Redenção, CE.

Nesta etapa vamos traçar o perfil da Ana, nome fictício utilizado para nos referir à estudante, mantendo o anonimato e cumprindo questões éticas da pesquisa. De acordo com o roteiro de observação, a aluna apresentou as seguintes características: A estudante, está na faixa etária de 14 anos, é diagnosticada com autismo e Transtorno Opositor Desafiador (TOD). A estudante é verbal e socializa, mas se restringe à interagir apenas quando se sente confortável. Dessa forma sua interação no ambiente escolar é limitada, devido apresentar dificuldade nas habilidades sociais.

Por consequência disso, no ambiente escolar a estudante se restringe a interagir apenas com a professora e com a cuidadora. Ela tem o hábito de sentar-se próximo ao professor e aos colegas de sala, ao lado da saída, devido a possíveis situações de desregulação, sendo assim facilitando uma saída rápida para se auto regular.

Quanto às adaptações pedagógicas, os materiais utilizados em sala pelo professor de Ciências, não foram elaborados especificamente para o estudante autista, e conforme análise, necessitavam de maior contextualização e ludicidade. A aluna recebia o auxílio do cuidador para a compreensão do

conteúdo abordado em sala, entretanto, as atividades poderiam adotar estratégias inclusivas para a estudante.

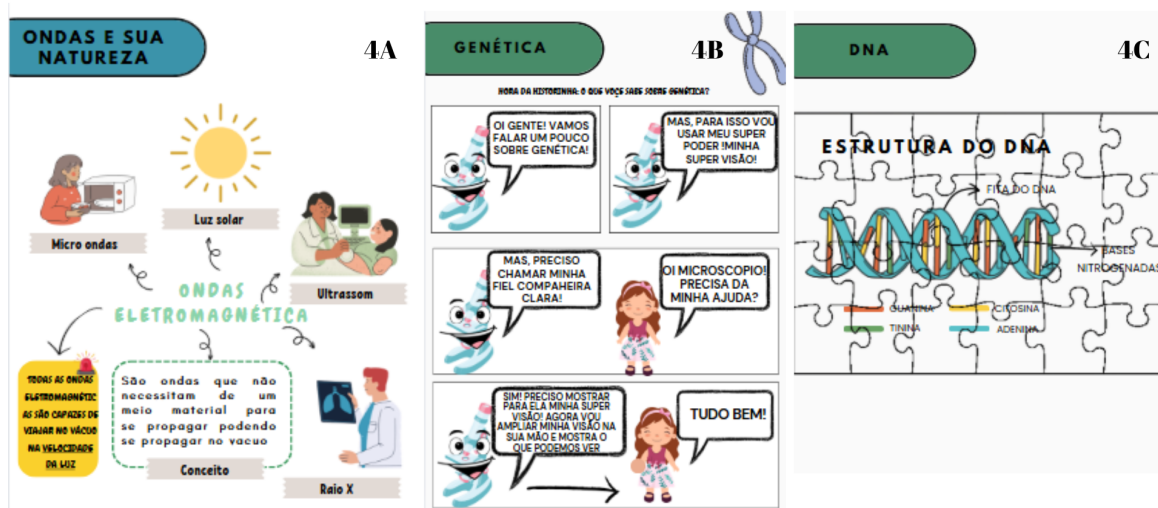
Através da etapa de observação notou-se a afinidade por jogos virtuais, como o jogo virtual Roblox, que é uma plataforma de jogos online, em que há a interação entre jogadores e a criação de jogos. O uso de jogos pode ser uma estratégia de interação para pessoas com autismo, com dificuldade de interações sociais. Além disso, suas preferências incluem: a cor amarela, jogos de vôlei, a personagem Mulher Maravilha, banho de piscina e o filme favorito é “A Dama e o Vagabundo”. Consideramos que o Roblox é um possível hiperfoco da “Ana”. Destacamos a importância de observar os possíveis hiperfocos dos estudantes autistas, suas preferências e afinidades, como forma de usá-los como atrativos para a aprendizagem.

O hiperfoco que se manifesta no autismo tem como característica a concentração intensa em tarefas ou assuntos, podendo estar relacionado a comportamentos restritivos e repetitivos (Araújo, Santos, Borges, 2021). Dessa forma, deve-se estimular o hiperfoco do autista, a fim de desenvolver suas potencialidades. Por isso, o hiperfoco podem estar relacionados à aprendizagem, esportes, artes e o desenvolvimento em habilidades em jogos virtuais, como é o caso da estudante, em que traçamos o perfil.

Conhecer o hiperfoco do aluno autista é uma importante ferramenta que pode ser utilizada para desenvolver atividades que contemplem o estudante e o inclua no ambiente escolar (Bezerra, Xavier, Soares, 2023), tendo em vista que, utilizar estratégias como essas podem cativar o estudante e ativar a curiosidade do aluno autista, conectando com os seus interesses e afinidades.

A partir dessas análises, com base nas características da aluna e no conteúdo visto em sala de aula, elaborou-se duas atividades com os seguintes temas: 1. Ondas e sua natureza e 2. Genética. Essas atividades foram utilizadas como recursos pedagógicos, utilizando o lúdico e recursos visuais como mapas mentais, histórias em quadrinhos e jogos de quebra cabeças. Para cativar a estudante, utilizou-se personagens do jogo virtual Roblox nas atividades, como registrado no roteiro de observação. Além disso, a ludicidade, é uma estratégia poderosa para o ensino/aprendizagem do estudante autista, e pode estimular a sua curiosidade acerca do conhecimento. As atividades produzidas e aplicadas estão apresentadas na Figura 4.

Figura 4. Atividades produzidas a partir do roteiro de observação, direcionadas a uma aluna dentro do espectro autista. 4A - Atividade sobre conteúdo de Ondas; Figura 4B - História em quadrinho sobre Genética; Figura 4C - Jogo quebra cabeça sobre DNA.



Fonte: Autora (2025)

As atividades aplicadas, acima apresentadas, estão em um formato mais detalhado e completo no editor gráfico Canva, local onde foram produzidas e podem ser acessadas através do link: <https://11nk.dev/ah8py>.

A atividade 1 se tratou de uma sequência de conceitos sistematizados com o auxílio de imagens, com referências do jogo Roblox. Essa atividade foi finalizada com duas questões avaliativas de associação com imagens, quanto aos conhecimentos adquiridos, para reforçar o aprendizado da aluna.

Para Orrú (2003), símbolos visuais podem auxiliar na comunicação com o estudante, visto que através de imagens podemos ajustar as atividades e torná-las mais acessíveis para o autista. Na etapa de elaboração das atividades, os conteúdos foram desenvolvidos dando ênfase em imagens e nos hiperfocos da aluna. Recursos visuais para o autista são essenciais na aprendizagem da pessoa autista, pois são pessoas muito literais, ou seja, interpretam o mundo fiel à letra.

Dessa forma, para o conteúdo de ondas e suas naturezas elaboramos mapas mentais e atividade com caixas de seleção com imagens, para fazer a associação com o cotidiano da estudante. Houve também uma preocupação em contextualizar o conteúdo com o dia a dia da aluna, assim recursos visuais quando apresentados de forma contextualizada podem ser mais eficazes.

Foi observado que a aluna “Ana” se engajou na atividade, e apesar de não falar muito ela foi apontando para a resposta que achava correta. A cada etapa a aluna sentiu-se mais confortável para interagir. Por isso é importante estabelecer um laço de confiança com a estudante.

A atividade 2 se constituiu em uma história em quadrinhos (HQ) sobre a temática de genética. Nessa HQ também havia uma personagem com tema do Roblox para atrair a atenção da aluna. Quando a aluna entrou em contato com a história em quadrinhos, notei seu interesse pela HQ, possivelmente pela presença do elemento de interesse, o Roblox. Percebeu-se que quando se contextualizou se apresentou elementos da realidade da aluna, houve uma melhor interação e participação.

Corroborando com os dados apresentados, Gonçalves, Silva, Nunes (2020) também adotou jogos e recursos visuais para o Ensino de Ciências na perspectiva do autismo. O autor destaca essas estratégias e a importância de um ambiente propício para o desenvolvimento dessas atividades. Portanto, o Sistema Educacional, necessita prover um ambiente escolar que seja adequado aos estudantes autista.

Por sua vez, Moura; Camargo (2021) adotaram a experimentação em sua pesquisa, como estratégias para abordar o Ensino de Ciências, destacando a importância do ensino investigativo. Assim, percebemos que há diferentes formas de abordagens que o professor pode adotar, desde jogos, histórias em quadrinho, mapas mentais e experimentos, para motivar e impulsionar a aprendizagem do estudante autista.

Conhecer sobre o autismo e desenvolver atividades para um estudante autista, foi uma experiência e vivência que provocou em mim reflexões sobre a construção da minha própria identidade docente. Ou seja, ao observar a estudante notei o seu comportamento, a necessidade de uma estrutura da escolar mais adequada aos alunos autistas, a postura do professor em relação aos alunos em sala de aula e interação dos outros estudantes com a aluna. A inclusão vai muito além de repassar o conteúdo e sim desenvolver um olhar mais sensível para incluir e estimular a aprendizagem das pessoas com TEA.

Ao trazer esses relatos, reflito como esse trabalho transformou a minha perspectiva em relação ao autismo e na inclusão dessas pessoas tanto no ambiente escolar quanto na sociedade, mas também na minha formação inicial docente, pois através da observação em sala de aula percebi a necessidade de aplicação de metodologias baseadas no contexto de vida do estudante e nas suas especificidades.

Os autores Miranda; Peres (2024) em seu trabalho, trazem reflexões de estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas, retratando suas experiências e vivências desde a etapa da escolarização e como sua trajetória formativa contribui para sua identidade profissional e docente.

Além disso, a etapa escolar é um período em que temos as primeiras referências em relação aos professores e isso pode perpetuar toda a vida do educador. Portanto, na perspectiva da inclusão vejo que ter referências durante a graduação é essencial para desenvolver um perfil mais sensível e acolhedor. Isso reflete na construção do “ser professor” e como esse profissional irá trabalhar com o público da educação inclusiva.

No período da pesquisa observei a dificuldade do professor de sala de aula, em desenvolver atividades que sejam acessíveis para a aluna “Ana”, visto que as atividades desenvolvidas pelo professor regente eram genéricas e sem contextualização. Contudo, cabe aqui refletir que a responsabilidade não pode recair tão somente sobre a figura do professor, e que antes de tudo, esse sujeito precisa receber suporte e formação para adquirir habilidades e competências para suas práticas pedagógicas em sala de aula, na conduta com o público da educação inclusiva, de forma especial. Logo, a formação do professor é algo estrutural, que precisa ser apoiada pelos gestores e garantida por políticas públicas.

Normalmente o professor se encontra em um ambiente escolar com turmas com alto quantitativo de alunos, com uma diversidade de perfis de aprendizagem, além de ter que responder por atividades extra sala, sob pressões de metas, carga horária e relatórios. Viegas (2022) retrata bem essa realidade ao refletir que o trabalho docente se caracteriza, na sua grande maioria, como uma atividade profissional em condições de sobrecarga e de intensificação.

Quando o educador recebe formação e suporte quanto aos materiais pedagógicos, à didática e apoio de outros profissionais, o processo de ensino se torna mais leve e diminui a sobrecarga, porque, nesse contexto, o professor poderá saber como lidar e como desenvolver recursos pedagógicos de acordo com as especificidades do aluno. Em outras palavras, conhecer o contexto do TEA é o primeiro passo para incluí-lo no ambiente escolar.

Ação 2. Ação de conscientização sobre autismo para o público infantil da Casa Encantada (Projeto CIADI, UNILAB).

Essa atividade foi realizada em 3 etapas: 1- Sondagem dos conhecimentos prévios e instrução sobre como serão realizadas as atividades; 2 - Teatro de dedoche e 3 - Dinâmica de sensibilização, contabilizando 60 minutos de duração.

Ao iniciar o tema, abordamos como cada indivíduo desenvolve suas próprias habilidades, que são alcançadas por meio de um treino diário, com persistência e disciplina. Pessoas autistas, assim como todas as outras pessoas desenvolvem as suas próprias. Dessa forma, para entender o conhecimento prévio fizemos as seguintes perguntas: Você sabe o que é autismo? Conhece alguém

autista? As crianças demonstraram não saber sobre o autismo, mas conheciam colegas autistas. Ao observar as crianças notei que algumas imitam alguns movimentos semelhantes ao “flapping” (movimento de sacudir as mãos, típico em crianças autistas), que é uma estereotipia comum no TEA, uma forma de auto regulação emocional.

Uma das crianças mencionou: “Tia, vi uma criança fazendo assim”, imitando o “flapping” de outro colega. Nesse instante, concluí que as crianças não entendiam o porquê o autista faz certos movimentos que são chamados de estereotipias. Expliquei e segui o diálogo com as crianças fazendo algumas perguntas investigativas, que foram as seguintes: Todos os autistas são iguais? Conhece autistas que se comunicam bem? E aqueles que têm dificuldade de comunicação? Por que essas pessoas têm dificuldades de se comunicar e socializar? O que podemos fazer para ajudar essas pessoas? E o que é inclusão? É fácil incluir? Nós temos ajudado a incluir as pessoas?

As crianças, apesar de já terem tido contato com colegas que têm autismo, não entendiam sobre as características de pessoas autistas. Isto demonstra a necessidade de abordar e conscientização sobre o autismo com crianças da educação infantil, para que elas cresçam conscientes e com atitudes naturalmente inclusivas. Mencionei que pessoas autistas podem apresentar dificuldade em interagir com seus colegas e podem possuir estereotipias como os “flappings” e caretas.

Após esse momento inicial, aplicamos o teatro de dedoche intitulado “Ana e Sr.Pato: Conhecendo o autismo”, que é uma história infantil produzida pela autora, e que teve como objetivo abordar sobre a educação inclusiva e desenvolver competências socioemocionais. A história “Ana e Sr.Pato: Conhecendo o autismo” está apresentada no Quadro 1.

Quadro 1. Narrativa da história: “Ana e Sr.Pato: Conhecendo o autismo”

História “Ana e Sr.Pato: Conhecendo o autismo”
Título: "Ana e Sr. Pato: Aprendendo sobre o Autismo" Personagens (Fantoche): ● Sr. Pato: Representando a sabedoria e inteligência. ● Ana: Criança autista. Cena 1: (Sr. Pato entra em cena) Sr. Pato: Olá, galerinha! Ana: Olá, Sr. Pato! Sr. Pato: Hoje vamos falar sobre autismo. Ana: Ah, que legal! Isso eu sei! Eu sou autista! Sr. Pato: Mas e vocês, crianças? Sabem o que é autismo ou conhecem alguém autista? Cena 2: (Sr. Pato e Ana conversam)

Sr. Pato: Então, crianças, o autismo é um transtorno que pode afetar como os nossos amigos autistas se comunicam e interagem com seus amigos.

Ana: Isso mesmo, galerinha. Mas isso não significa que todos os autistas são iguais. Por exemplo, eu adoro interagir com os meus colegas. Entretanto, não gosto de roupas apertadas. Ah! e eu balanço minhas mãos quando estou muito feliz e ansiosa, por isso não estranhe se eu fizer isso perto de você! Está tudo bem, só estou me regulando!

Sr. Pato: Isso significa que os amigos autistas são sensíveis.

Ana: Sim! Autistas são sensíveis a temperatura, barulhos, textura da roupa ou algo em contato com a pele, mudança de rotina, entre outras situações que os deixam desconfortáveis.

Sr. Pato: Então, crianças, como podemos ajudar um amigo autista?

Cena 3:

(Sr. Pato e Ana discutem)

Sr. Pato: Como nossa amiguinha Ana falou, cada autista tem as suas diferenças. Então, podemos ajudar respeitando seus limites e suas capacidades, respeitando sua pessoa, pois antes de ser autista, não esqueça, o autista é uma pessoa, tão importante e capaz como qualquer pessoa. Isso significa que devemos sempre tratar os coleguinhas com amor e carinho para que ele possa se sentir importante também.

Cena 4:

(Sr. Pato conclui)

Sr. Pato: Devemos sempre respeitar e acolher nossos amigos. E não se esqueçam de compartilhar com a sua família, seus colegas, sobre o que vocês aprenderam hoje aqui!

Ana: Obrigada, Sr. Pato, por me fazer sentir especial com suas palavras. Que Deus te abençoe.

Fonte: Autores (2025)

Seguindo as orientações da BNCC para a educação infantil, a temática utilizada para a abordagem do teatro de dedoches foi: “Escuta, fala, pensamento e imaginação”. Pela BNCC, a habilidade que se adequa ao tema é a EI01EF08: Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.)

Refletimos com as crianças, com essa história, sobre o autismo e a importância de incluir pessoas autistas na sociedade. Inicialmente, falamos sobre as características do autismo, mas ao decorrer da história as crianças estavam muito dispersas e sentimos dificuldades em manter a atenção das crianças. Em um determinado momento tivemos que parar de contar a história sem os dedoches e abordamos de forma que não foi planejada pela equipe. Para falar e explicar sobre o tema proposto, contamos a história em formato de conversa utilizando-se o diálogo. Provavelmente, isso ocorreu pelo tom de voz que utilizamos para essa abordagem.

Através do diálogo, falamos da importância da inclusão e como podemos incluir pessoas autistas. Mencionei que “todos as pessoas possuem características diferentes e que pessoas com autismo também possuem suas próprias características”. Uma das crianças perguntou “Tia Joana falou que somos todos iguais”. Respondi: “Sim, ela está certa, todas as pessoas são iguais, mas possuem características diferentes e devemos respeitar e incluir cada coleguinha nas brincadeiras”. Também mencionei: “Então se vocês virem algum colega balançando os braços ou fazendo caretas isso significa que ele pode ser autista e que ele está se regulando”. Assim, finalizamos o diálogo falando sobre como devemos respeitar todas as pessoas.

Posteriormente, executamos a dinâmica de sensibilização, em que as crianças se colocaram no lugar de pessoas autistas e buscaram expressar esse sentimento e empatia. No primeiro momento as crianças foram expostas a estímulos desagradáveis como: música alta, muitas perguntas e comandos ao mesmo tempo. Algumas das crianças mencionaram a dificuldade ao receber tantos estímulos. Já, no segundo momento, as crianças foram expostas a estímulos agradáveis como: música calma, as perguntas e os comandos foram feitos devagar. Através da dinâmica, notei que, antes dispersas, nessa etapa havia o entusiasmo e pouco a pouco cada uma das crianças foram participando da dinâmica.

Para finalizarmos as atividades fizemos as seguintes perguntas: Como podemos incluir amigos autistas? O que aprenderam? O que já sabiam? O que não sabiam? O que podemos levar de bom para as famílias, os bairros que moramos, a Igreja que frequentamos, etc.? As crianças mencionaram que conhecem colegas autistas na escola que frequentam, mas não sabiam sobre as características do autismo. Ao decorrer dessa etapa as crianças entenderam que é importante incluir seus colegas e acolhê-los.

As crianças se engajaram e uma delas fez a seguinte pergunta: “Como ter paciência”? Elas demonstraram ter dificuldade de exercer a paciência com os colegas autistas. Argumentei que “a paciência é uma característica que os indivíduos desenvolvem com o tempo e a que precisamos exercer todos os dias”, além disso, mencionei que “devemos nos colocar no lugar dos outros, buscando conhecer para acolher”. Ou seja, abordamos a importância da empatia e paciência para com as pessoas autistas.

Os autores Oliveira, Aragão (2024), abordam em sua pesquisa a importância da conscientização sobre o autismo, em uma escola pública, através de música e contação de histórias. Apesar do Projeto Casa Encantada, não ser um ambiente como uma escola regular, é um local onde as crianças desenvolvem diversas habilidades, uma delas relacionada ao sócio-emocional. Ou seja, abordar a conscientização sobre autismo é uma forma de trabalhar a empatia, paciência e desconstruir preconceitos. Logo, essa abordagem foi essencial para promover a empatia e sensibilidade nas crianças.

Além disso, trabalhar com o público infantil na Casa Encantada, foi desafiador, pois a graduação em licenciatura de Ciências Biológicas não foca na aprendizagem de crianças e não aborda de forma aprofundada como “mediar conflitos”. Segundo os autores Morgado; Oliveira (2009) “A mediação é um processo flexível, de carácter voluntário e confidencial, conduzido por um terceiro imparcial – o mediador – que promove a aproximação entre as partes em litígio e que as apoia na tentativa de encontrar um acordo que permita pôr termo ao conflito”.

Ao decorrer desse período senti dificuldade para mediar conflitos entre as crianças. Isso provocou-me frustrações e dúvidas sobre o “ser professor”. Por isso a prática pedagógica é essencial para desenvolver essas habilidades. Em outras palavras, a experiência vai nos ajudar a se ajustar ao imprevisível. Em sala de aula não dá para prever todas as possíveis ocorrências. O importante é entender que não podemos controlar todos os passos das crianças, mas podemos auxiliá-los em seu desenvolvimento sócio-emocional e em sua construção como indivíduo reflexivo e crítico.

Desse modo, ao decorrer desse período fui aprendendo que essas questões são importantes para a construção da identidade docente e que essas experiências foram importantes na minha trajetória acadêmica. A identidade e os saberes docentes são construídos ao decorrer da trajetória do professor, através de vivências e experiências (Mellini, Ovigli, 2020). Em suma o “Ser Professor” é uma construção desde a formação inicial, ou seja ao longo de toda a vida do educador.

A identidade docente não se constroi apenas com experiências através da escola, mas está relacionada com aspecto, mas através de uma teia de relações sociais, culturais, históricas e políticas, ou seja a construção da identidade não ocorre isoladamente, mas através de uma teia de fatores (Lima, Cavalcante, Silva, 2010). Portanto, vejo que esses parâmetros e o contexto de vida do educador vai se entrelaçar e influenciar na forma em que o professor vai atuar na sala de aula.

Ação 3. Roda de conversa sobre a conscientização do autismo em uma escola de Ensino Fundamental em Guaiúba, CE.

A roda de conversa sobre a conscientização do autismo aconteceu em uma escola de Ensino Fundamental em Guaiúba, CE, um encontro dialogado com o diretor da escola, que articulou 2 momentos, o primeiro com alunos da série tal e um segundo momento com mães da escola.

A roda de conversa sobre a conscientização do autismo nos permitiu provocar reflexões tanto no momento com os alunos, como com as mães. No momento com os alunos, fizemos uma breve introdução sobre autismo, usando um slide sintético (sobre definição, características e formas de ajudar a pessoas autista) e depois reproduzimos a mesma dinâmica de sensibilização que executamos na Casa Encantada.

Percebeu-se que os alunos demonstraram saber superficialmente sobre o autismo, mas não sabiam definir “O que é o autismo”? Isso demonstra a importância de abordar o autismo nesse contexto. Através das observações percebeu-se que os alunos compreenderam sobre o autismo e não demonstraram dúvidas.

Durante a roda de conversa com os estudantes, uma aluna mencionou que possui dois irmãos autistas e falou que houve conflitos com o irmão, nesse momento ela se emocionou e mencionou que não tinha conhecimento sobre aquilo que abordamos. Com a emoção aflorada da aluna, os amigos e amigas mais próximos a abraçaram e todos os demais ficaram em silêncio, respeitando o sentimento da colega. Entendo que o que a aluna relatou sensibilizou os outros alunos e os impactou de alguma forma a modificar seus comportamentos.

Por isso, essa roda de conversa transformou as relações interpessoais dos estudantes e considero isso um impacto social e de inclusão importante. Dessa forma, através da sensibilização focamos na desconstrução de preconceitos e estereótipos sobre o autismo. Portanto, a conscientização do TEA é uma forma de incluir e acolher pessoas autistas, ideia corroborada por Haussler,Silva,Silva (2023):

A conscientização da sociedade sobre o autismo e outras deficiências são ferramentas primordiais para promover uma sociedade inclusiva, que cuida de todos os seus membros, na garantia de que todas as crianças e adultos com TEA possam levar uma vida plena e gratificante (Haussler,Silva,Silva 2023).

Para encerrar, nos reunimos com as mães de alunos da escola e uma surpresa foi que as participantes em sua maioria não eram mães de crianças autistas. Isso demonstra que a conscientização sobre o autismo deve ser para todas as pessoas e que a sociedade como um todo tem percebido a importância de se conhecer mais sobre autismo. Nesse momento, conversamos sobre sobrecarga das mães e ouvimos os desabafos e as preocupações das mães presentes. Também ouvimos cada uma das participantes, sobre suas vivências com o TEA.

Abordamos a importância das mães de filhos neurotípicos acolherem as mães de filhos neuro divergentes, pois como cita Kintope; Borges (2020), para as mães atípicas, esse turbilhão de emoções se torna ainda mais complexo, pois, historicamente, lhes foi atribuída a responsabilidade de cuidar dos filhos a qualquer custo, muitas vezes em detrimento de sua própria saúde emocional e física. Como consequência, essa imposição gera uma carga de pressão intensa e contínua.

Nessa situação, as mães atípicas tendem a se sobrecarregar e se esquecer de si, mas é necessário entender que, para cuidar de uma criança, a mãe precisa estar emocional e fisicamente bem. Portanto,também é necessário conscientizar as mães, ouvi-las, empoderá-las e acolhê-las, a fim de promover uma maternidade mais leve, pois juntos temos o poder de transformar vidas.

O momento com as mães foi igualmente importante para reforçar o esforço coletivo para consolidarmos a inclusão na escola e na sociedade. Essa vivência também contribuiu na construção da minha formação docente, vendo a inclusão a partir de uma outra perspectiva, pois as famílias tem uma grande função social no avanço da inclusão.

De forma geral, percebo que esses momentos fizeram-me refletir sobre minha postura, me forneceram uma bagagem formativa e acadêmica, que me capacitam a superar os futuros desafios da sala de aula, através de um olhar mais sensível e de uma prática docente mais participativa do movimento da inclusão. Além disso, reforço a importância de conscientizar e promover uma sociedade inclusiva, em todas as suas dimensões e realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada experiência descrita neste trabalho confirma a necessidade de formar docentes sensíveis e que promovam um ambiente escolar inclusivo e respeitoso, em que o aluno autista desenvolva suas potencialidades e sinta confortável no ambiente escolar.

Para além do aluno autista vejo a importância de conscientizar e promover a inclusão de pessoas com TEA. Vejo que conscientizar sobre autismo é essencial seja para o público infantil, infante juvenil ou adulto. Por isso, compreendi que romper preconceitos e estereótipos é o primeiro passo para incluir indivíduos com autismo na sociedade.

Através das experiências que vivenciei na casa encantada cresci como pessoa e professora. Entendo que a mediação de conflito é uma habilidade adquirida com o tempo e que crianças são espontâneas e é nosso papel como professor guiá-las e estimulá-las a refletir e desenvolver inteligência emocional. Compreendi que conflitos sempre estarão presentes, mas cabe o professor mediar e ajudá-los superar as adversidades.

Todas essas vivências se refletem na construção da minha identidade docente, na profissional da educação que estou me tornando, como isso impactará na minha transição para a sala de aula, como professora regente e por toda a minha trajetória docente, sempre buscando a formação continuada, para um ensino de qualidade e inclusivo, que inclui a todos, independente de laudos e diagnósticos. Através dessas reflexões, vejo que desenvolvi uma sensibilidade em relação à prática pedagógica e entendi que para incluir é necessário conscientizar e sensibilizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM 5: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: APA, 2014.

ARAUJO, Cláudia Lima et al. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS DESAFIOS DA INCLUSÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 1716–1734, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i2.18207.

ARAÚJO, Paulo Henrique; SANTOS, Verônica Andrade dos; BORGES, Isabella Carolina. *O autismo e a inclusão na educação infantil: estudo e revisão*. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 19775-19789, fev. 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n2-563.

AUSUBEL, David P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. 1.^a Edição PT-467-Janeiro de 2003

Brasil. (1988). **Constituição da República do Brasil**. Brasília: Senado. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Consultado em 27 de janeiro de 2024.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 21 fevereiro. 2025.

BEZERRA, Gabrielly Evangelina; XAVIER, Krisler Lira; SOARES, Zilma Cardoso Barros. TEA: a psicomotricidade como intervenção pedagógica. *JNT Facit Business and Technology Journal*, [S.l.], ed. 44, v. 1, p. 234–251, ago. 2023. Disponível em: <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. Acesso em: 1 maio 2025. ISSN 2526-4281.

JÚNIOR, João Fernando Costa et al. Os novos papéis do professor na educação contemporânea. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 6, p. 124-149, 2023.

DE SOUZA, Elismar Oliveira et al. Estratégias metodológicas no ensino de ciências e biologia voltadas aos estudantes com autismo. **EDUCAÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO: PRÁXIS, MEDIAÇÕES, CONHECIMENTO E PESQUISAS MÚLTIPLAS, VOLUME 1.**, p. 47, 2022.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. (1996). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27^a edição. São Paulo: Paz e Terra

GOMES, Tereza Helena da Piedade; OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva de. As estratégias didáticas com alunos autistas: as experiências de professores de Ciências e especialistas em educação especial. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática – REEnCiMa**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 1-18, jul./set. 2021.

GONÇALVES, Nahun Thiaghor Lippaus Pires; DA SILVA KAUARK, Fabiana; NUNES FILHO, Charles Ferreira. O ensino de ciências para autistas. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 15, n. 1, p. 258-268, 2020. Libaneo, José Carlos. (2017). Didática. 1^a edição. São Paulo: Cortez editora.

LOPES, Pedro Borba. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PRINCÍPIOS, DESAFIOS E PRÁTICAS**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 2797–2800, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i1.18025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18025>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MELLINI, Carolina Kiyoko; OVIGLI, Daniel Fernando Bovolenta. Identidade docente: percepções de professores de biologia iniciantes. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 22, p. e16364, 2020.

KINTOPE, Larissa Oro; BORGES, Raphaela de Souza. EMPODERANDO MÃES ATÍPICAS: UM ESTUDO DE CAMPO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA NA MATERNIDADE ATÍPICA. **Journal of Media Critiques**, [S. l.], v. 6, n. 18, p. 21–36, 2020. DOI: 10.17349/jmcv6n18-002. Disponível em: <https://www.journalmediacritiques.com/index.php/jmc/article/view/28>. Acesso em: 16 maio. 2025.

MIRANDA, Jaine Fernanda Jaques; DA COSTA PERES, Ariadne. Histórias de Formação de professores/as de Biologia da Amazônia bragantina. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 20, n. 44, p. 41-55, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

MOURA, Tiago Fernando Alves de; CAMARGO, Eder Pires de. Explorando o ar: o ensino de ciências para estudantes com autismo nos anos finais do ensino fundamental. **Ciências em Foco**, Campinas, SP, v. 14, n. 00, p. e021006, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cef/article/view/14673>. Acesso em: 7 maio. 2025.

OLIVEIRA, Caciana Ribeiro; ARAGÃO, Gislei Frota. A experiência da professora do Atendimento Educacional Especializado na inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, v. 4, n. 2, p. 203-215, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E ACULTURA (UNESCO). **Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Espanha**, 1994. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>. Acesso em: 23 fev. 2021

ORRÚ, Sílvia Ester. A formação de professores e a educação de autistas. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 33, n. 1, p. 1-14, 2003.

RODRIGUES, Amanda Séllos; BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de. Percepção dos Professores Quanto ao Uso de Diferentes Estratégias Pedagógicas Visando a Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Regular. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 560–566, 2024. DOI: 10.17921/2447-8733.2024v25n3p560-566. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/12556>. Acesso em: 27 mar. 2025.

SILVA, Juçara Aguiar Guimarães et al. Desafios na formação de professores para a educação inclusiva. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 17, n. 2, p. e7606-e7606, 2025.

SOUSA, Telma Bete de; ALMEIDA, Fernanda de; BORBA, Marcia Guaraciara de Souza. O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 667–674, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i1.17624. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17624>. Acesso em: 23 jan. 2025.

VIEGAS, Moacir Fernando. Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 48, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/7Jx7mQXpBGZp5CLgcW94WHy/>>. Acesso em: 05 jun., 2025.